

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Alexander Kluge: Por um Cinema Impuro
15 de Julho de 2021

HOMMAGE À MANOEL DE OLIVEIRA
“Homenagem a Manoel de Oliveira”

DER ZAUBER DER VERDUNKELTEN SEELE
“A Magia da Alma Obscurecida”

MEHRFACHBILDER FÜR 5 PROJEKTOREN
“Múltiplas Imagens para 5 Projetores”

BLINDE LIEBE – GESPRÄCH MIT JEAN-LUC GODARD
“Amor Cego – Conversa com Jean-Luc Godard”

filmes de Alexander Kluge

Alemanha, 2019, 2007, 2017, 2001 – 3, 48, 12, 24 min / **Cópias:** da DCTP, em DCP (**Hommage À Manoel De Oliveira** é apresentado em versão francesa e os restantes na sua versão original alemã), legendados electronicamente em português. Com exceção do primeiro filme, todo o programa tem a primeira apresentação na Cinemateca.

Duração total da projeção: 87 min

sessão introduzida por uma conversa com Alexander Kluge (por videoconferência), e com a presença de Vincent Pauval

Esta é uma sessão que inaugura esta retrospectiva da vastíssima obra cinematográfica de Alexander Kluge, pensada em diálogo com Kluge e com a sua equipa e organizada em colaboração com a Casa do Cinema Manoel de Oliveira, que neste momento acolhe em simultâneo uma instalação inédita constituída por vários excertos de filmes intitulada *Política dos Sentimentos*. Alexander Kluge (n. 1932) é um dos mais importantes nomes do cinema contemporâneo, que, desde os anos cinquenta, tem desenvolvido uma obra multidisciplinar que atravessa as áreas da literatura, da filosofia e do cinema, culminando numa intensa produção de programas para televisão. Se nos anos 1950 é muito próximo da Escola de Frankfurt e da Teoria Crítica dos sociólogos e filósofos Max Horkheimer, Theodor Adorno ou Jürgen Habermas, é no início dos anos sessenta que se inicia no cinema, algum tempo depois de uma breve experiência enquanto assistente de Fritz Lang. Impulsionador e um dos principais signatários do *Manifesto de Oberhausen* (1962), Kluge afirma-se como um dos expoentes do Novo Cinema Alemão e como o seu grande “teórico”.

Entre os vários filmes que realizou encontramos longas-metragens com grande expressão pública, que programamos nos primeiros dias desta retrospectiva, como “**Despedida De Ontem**” (1966) ou “**Os Artistas Sob A Cúpula De Circo: Perplexos**” (1968), a que se somarão outros marcos na obra do cineasta como “**O Poder Dos Sentimentos**” (1983), filme muito fragmentado que realiza poucos anos antes da transição para a televisão, e um

dos filmes charneira na obra de Kluge que revela a importância da ópera como “fábrica de sentimentos”.

Com uma profunda crença no trabalho coletivo e com uma vontade de produzir uma “revolução” a partir de dentro, é quando funda a sua própria produtora de televisão – a DCTP – que Kluge acelera o seu ritmo de produção, realizando, desde os anos oitenta até hoje, centenas de programas. Nesta retrospectiva muito abrangente, que atravessará as várias fases da sua obra, incluindo os trabalhos mais recentes, revela-se como há temas e questões que dominam todo o seu “cinema impuro”, atravessado por uma heterogeneidade de base. Um cinema fragmentário assente numa reciclagem constante de imagens e sons, que o cineasta monta de modo único em obras filmicas e “programas” destinados aos mais diversos contextos: cinema, televisão, exposições, edições.

Entre os seus temas de eleição destaca-se a reflexão sobre o passado histórico da Alemanha, na sua articulação com a contemporaneidade, em que a Segunda Guerra Mundial e o Terceiro Reich, e a questão do que os poderia ter evitado se assumem como cruciais. O bombardeamento da cidade de Halberstadt em 1945, que testemunha enquanto criança marcará toda a sua produção futura. Atento às grandes questões históricas e ao papel dos “sentimentos”, Kluge dedica grande importância às personagens femininas, que dominam tantas óperas que cita sem cessar, mas também um “cinema dialético” (entendido sempre aqui num sentido amplo) que oscila em permanência entre realidade e ficção. Entre a gravidade dos temas que trata e uma vertente mais lúdica, o que Kluge no fundo nos propõe são novas formas de imaginar e pensar as relações entre passado, presente e futuro através de um trabalho singular sobre as memórias e materiais, com o intuito de, como escreve num dos seus ensaios mais famosos, “ser possível apresentar a realidade como a ficção histórica que é”. Ávido colecionador de pequenas histórias em grande parte inspiradas em factos reais, o cinema permite-lhe ainda devolver importância à oralidade, que pratica em tantas entrevistas que convocam uma multitude de temporalidades. Mas é também ao cinema que dedica várias das suas mais fulgurantes produções, que frequentemente se expandem por múltiplos ecrãs.

Todas estas questões atravessam esta que é a primeira sessão da retrospectiva que envolve um programa heteróclito que, através de uma montagem de filmes e de excertos de filmes produzidos para o cinema e para televisão ao longo de cerca de dez anos, nos introduz ao universo caleidoscópico de Alexander Kluge. Entre homenagens a Manoel de Oliveira, a Jean-Luc Godard (uma extraordinária conversa entre Kluge e Godard que aborda a relação de um “amor cego” com a paixão de fazer e ver cinema) ou às multiprojeções de Hans Richter (a quem é dedicado **Mehrfachbilder Für 5 Projektoren**), a sessão organiza-se em torno do próprio cinema, seja através de uma reflexão sobre a luz, a sua matéria-prima (muito presente em **Der Zauber Der Verdunkelten Seele**), seja sobre a sua relação com o real. Assim, a par de uma “teoria” das ruínas, encontramos um inusitado artista da demolição (Helge Schneider, presença habitual no cinema de Kluge), ou uma visão reconfortante sobre a permanência dos já centenários projetores de cinema. Poderosas metáforas que convocam tantas outras facetas da multifacetada obra de Alexander Kluge que, assente numa montagem cada vez mais livre de tantas obras e materiais associados em verdadeiras constelações, reservam um papel determinante ao espectador.

Joana Ascensão